

Dossiê Temático

Portugueses de papel,
**um projeto internacional
de investigação**

Portuguese of paper,
an international research project

VANIA PINHEIRO CHAVES
COORDENAÇÃO DE

A pre sen tação

Presentation

VANIA PINHEIRO CHAVES¹

Especialistas de diversas procedências e campos do saber consideram que o perfil do colonizador europeu se transformou significativamente com a sua fixação no Novo Mundo, uma vez que a adaptação a um ambiente diferente e a um novo tipo de sociedade e economia, assim como o contacto com outros grupos humanos e outras culturas teriam necessariamente de modificá-lo. Daí que no Brasil, ainda no período colonial, os portugueses fixados no território brasileiro, que ficaram conhecidos como «mazombos», se tenham pouco a pouco diferenciado dos habitantes do Reino — os reinóis — e, com eles, se tenham inclusive confrontado.

¹ CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Embora a personagem do português «emigrado» para o território brasileiro, a partir do Descobrimento até a atualidade, venha sendo recriada pela ficção brasileira, desde as suas origens no século XIX, ela não foi até o momento objeto de estudos abrangentes e aprofundados. Visando contribuir para o preenchimento desta lacuna o projeto *Portugueses de Papel* – desenvolvido em parceria pelo CLEPUL (linha de investigação *Brasil: literatura, memória e diálogos com Portugal*) e pela University of Colorado (Boulder) – criou um *Dicionário de personagens portuguesas da ficção brasileira*, integrado numa base de dados *online* (<http://portuguesesdepapel.net>), em permanente atualização.

Com impacto elevado na investigação futura, este projeto revela uma feição multidisciplinar, ao disponibilizar informação útil para estudiosos da literatura, da sociologia, da antropologia, dos estudos culturais e de outros campos das Humanidades. Contudo, o vastíssimo campo de pesquisa e escrita nele implicado impôs um trabalho faseado que teve como ponto de partida o estudo dos textos da prosa de ficção oitocentista, prosseguiu com os da primeira metade do século XX e objetiva, logo que possível, chegar até aos da contemporaneidade.

Iniciativa internacional e colaborativa, o *Portugueses de Papel* congrega mais de uma centena de pesquisadores de universidades portuguesas, brasileiras, norte-americanas e europeias, que têm apresentado os resultados

das suas pesquisas quer nos verbetes redigidos para o dicionário, quer em comunicações proferidas nos seminários e colóquios realizados em várias partes do globo. O dossiê que integra este número da revista *e-Letras com Vida* reúne oito artigos que dão a conhecer alguns resultados da investigação produzida no âmbito do projeto *Portugueses de Papel*, possibilitando ainda a percepção do que lhe está subjacente: a recolha e a leitura de um grande número de textos da prosa de ficção brasileira, a descoberta dos que possuem personagens portuguesas, a análise dessas personagens e da sua relevância no enredo de cada uma das obras analisadas.

A ordenação dos artigos que compõem o dossiê obedeceu à cronologia da produção ou da publicação das obras analisadas, o que permitirá ao leitor informar-se, ainda que sumariamente, a respeito do desenvolvimento da prosa de ficção brasileira – das primícias aos frutos já maduros do início do século XX –, bem como de alguns retratos que os ficcionistas brasileiros construíram dos seus antepassados lusos, tenham eles vivido em épocas passadas ou sejam seus contemporâneos.

Hoje em dia, o pensamento dominante na historiografia literária considera que os primeiros esboços da prosa de ficção brasileira datam do Romantismo e foram publicados como folhetim em diversos periódicos. Nesse conjunto inaugural situa-se Joaquim Norberto de Sousa Silva, cujas narrativas são o objeto de

estudo do primeiro artigo do dossiê: «A quase ausência do português em *Romances e novelas* de Joaquim Norberto Sousa Silva: estratégia ou acaso?». Como demonstrou José Antônio Carvalho Dias de Abreu, o escritor carioca, interessado – como a generalidade dos seus pares – no processo de construção da identidade brasileira, só apresenta personagens portuguesas em duas narrativas da sua coletânea. Em «O testamento falso» – cuja trama romanesca decorre no Rio de Janeiro da altura –, o único português representado desempenha papel importante, mas é negativamente caracterizado como negreiro, contrabandista e usurpador. De acordo com o estudioso, esta personagem encarna na novela o emigrante português recém-instalado no Brasil e que os nacionalistas exacerbados combatiam. Em «As duas órfãs» – esboço de romance histórico e novela sentimental –, não ocupam lugar de destaque os portugueses que, no período colonial iniciaram a construção do Brasil, papel que Joaquim Norberto distribui às personagens nascidas na colônia brasileira.

É, no entanto, com José de Alencar que, no período romântico, a tarefa de ficcionalização da formação do Brasil atinge o seu ponto culminante. Exaltando a ação dos conquistadores e colonizadores portugueses em *O Guarani* e *Iracema*, o escritor cearense opta por fazer dos ameríndios os míticos fundadores da nação. Mais realista é, contudo, a ótica de Alencar em *Guerra dos mascates*, obra que, no segundo artigo do dossiê – «*Guerra dos Mascates: crô-*

nica dos tempos coloniais: um antimodelo do romance histórico oitocentista» – Marilene Weinhardt analisa, focando-se, sobretudo, na demonstração da sua singularidade. Considerando que *Guerra dos mascates* foge do modelo oitocentista do romance histórico, a estudiosa examina a forma crítico-jocosa com que Alencar recria acontecimentos «fictícios» que teriam precedido a referida guerra, bem como as personagens que neles participam e que encarnam os reinóis de Recife e os mazombos de Olinda. Pejorativamente chamados «mascates», os primeiros são comerciantes, provenientes há pouco tempo da metrópole e desejosos de fazer fortuna na colônia, enquanto os segundos nasceram em Pernambuco, território que seus antepassados defenderam dos invasores estrangeiros e no qual cultivam a cana-de-açúcar, fonte de riqueza na altura em declínio. Entretanto, tudo se complica, pois o amor ou/e a ambição contribui(em) para ligar os dois grupos, prenunciando o destino mestiço da futura nação.

Uma narrativa histórica mais próxima do modelo scottiano é o objeto do artigo «A presença de personagens portuguesas no romance *Maurício ou os paulistas em São João del-Rei*, de Bernardo Guimarães». Sem lograr o sucesso de *A escrava Isaura*, o romance estudado por Hugo Lenes de Menezes tem também a sua trama inspirada noutra luta travada no período colonial e conhecida como Guerra dos Emboabas, na qual a população de Minas e os bandeirantes paulistas se confrontaram com

governantes e militares a serviço da metrópole. Como revela o artigo, tal como José de Alencar, Bernardo Guimarães construiu personagens virtuosas e infames nas duas frentes do conflito, mas sobrelevou o protagonista Maurício, que, sendo mazombo e amante do seu berço, servia lealmente o generoso, mas desatento, Capitão-Mor Diogo Mendes.

Posterior e diferente em muitos aspectos da ficção romântica – produzida por escritores que manifestaram, por vezes, ressentimentos face à participação, considerada negativamente, dos portugueses na sociedade brasileira em formação – é o conto quase desconhecido que transcreve e analisa Franco Baptista Sandanello, em «Antes de vestir a casaca, é preciso vestir as calças: breve monólogo entre Manoel Dias e Domício da Gama». Assinalado no título, o protagonista da narrativa é um vendeiro português, cuja figura, embora algo caricata, lembra ao estudioso a do pai de Domício da Gama, nascido em Viana do Castelo. Única personagem honesta da história, como se depreende do artigo, Manoel Dias distingue-se também da representação dos portugueses nas obras de ficção mais ilustrativas do mesmo período, entre as quais se destaca João Romão, o explorador sem escrúpulos d'*O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

No pós-Romântismo do final do Oitocentos enquadra-se o romance-folhetim, de Olavo Bilac e Carlos Magalhães de Azeredo, comentado por Alvaro Santos Simões Junior

no quinto artigo deste dossiê. O seu título – «*Sanatorium*: a ditadura florianista e o reposicionamento dos portugueses na sociedade brasileira» – põe desde logo em evidência a atualidade da ação narrada e as temáticas privilegiadas. Alvaro Simões Junior mostra que as diversas personagens portuguesas do romance são figuras secundárias que não pertencem às classes dominantes, nem revelam os traços ostensivamente negativos de seus patrícios retratados em *O cortiço*. Em seu entender, tal secundarização corresponderia à percepção pelos folhetinistas da menor relevância na sociedade brasileira dos imigrantes portugueses, após o fim do Império liderado por um membro da Casa de Bragança. Daí que, em *Sanatorium*, sejam os próprios brasileiros – que comandavam a política e economia da altura – os responsáveis pelos problemas do país.

Um romance publicado no ano seguinte ao do folhetim acima referido e cujo enredo se desenvolve no mesmo momento histórico constitui o *corpus* sobre o qual se debruça Gracinéa I. Oliveira, em «A personagem portuguesa e a crise do encilhamento no Brasil: análise do romance *Um invejado*, de Afonso Celso». Como explicita o seu título, o artigo analisa a relação entre a crise econômica brasileira, conhecida por Encilhamento, e o papel importante que uma das personagens portuguesas – Seixas Rocha – desempenha na vida do protagonista do relato. Responsável pela gestão da fortuna de Juquinha, este português evolui negati-

vamente, enriquecendo com a especulação financeira decorrente do Encilhamento ao mesmo tempo que leva à ruína o seu patrão. Para a estudiosa, esta personagem assemelha-se aos primeiros colonizadores, uma vez que não cria laços afetivos ou éticos com o Brasil, pois regressa a Portugal com a fortuna mal adquirida.

Os dois últimos artigos que integram este dossiê abordam diferentemente dos anteriores questões do maior interesse para o projeto *Portugueses de Papel*.

Jean-Yves Mérian, em «Aluísio Azevedo e Portugal: uma ambigua relação», não centra a sua atenção no exame das personagens portuguesas de *O mulato*, *Casa de pensão*, *O homem* ou *O cortiço*, embora considere que a atuação e as características altamente reprováveis de tais personagens recriam – em moldes do Realismo ou do Naturalismo adotados pelos ficcionistas da altura – figuras e ações que marcam parte significativa da comunidade portuguesa instalada no Brasil. Divergindo da crítica literária brasileira que, em geral, considera Aluísio Azevedo antilusitano, Jean-Yves Mérian se dedica a provar que ele foi o escritor brasileiro mais português da sua geração, baseando-se quer em dados da sua biografia e formação cultural, quer na sua relação pessoal e intelectual com portugueses residentes no Brasil ou em Portugal.

Por sua vez, Greicy Pinto Bellin analisa, em «Representações de Portugal em *Memorial de Aires*, de Machado de Assis», as diferentes formas de que o inigualável criador de Capitu se serviu para introduzir Portugal e a herança cultural lusitana no seu último romance. Sendo inegável que o maior escritor brasileiro do século XIX não esquecia as suas raízes açorianas, nem a sua dívida para com a cultura portuguesa – como reconhecem Greicy Bellin e os críticos por ela citados –, pouco numerosas são as suas personagens lusas. Em *Memorial de Aires* – tal como na quase totalidade da obra machadiana que o projeto *Portugueses de Papel* tem mapeado – apenas se podem contar Guimãres, que regressa à terra natal, e seu filho Tristão, que opta por naturalizar-se português e fixar-se em Lisboa. Tendo em linha de conta que Tristão e Fidélia escolhem Portugal como espaço para o futuro da sua vida em comum, o artigo visa, contudo, analisar as referências à nação portuguesa e as «percepções» que dela têm o autor implícito e suas personagens. Para corroborar a sua leitura de *Memorial de Aires*, a estudiosa defende que a «percepção crítica» de Machado em relação a Portugal evidencia-se igualmente nalgumas crônicas de «Bons Dias» e no conto «Ideias de Canário».

À guisa de conclusão, cumpre observar que os artigos reunidos neste dossiê revelam nas suas diferenças e similitudes que o levantamento e estudo das personagens portuguesas da prosa literária brasileira do Oitocentos

e da que se lhe seguiu até aos dias de hoje são matérias de grande relevância para o conhecimento da visão que os ficcionistas brasileiros têm da história e da sociedade a que pertencem, bem como do lugar que nelas ocuparam e ainda ocupam seus antepassados e contemporâneos lusos. Tal conhecimento é igualmente importante para todos aqueles que se interessam pelas questões coloniais, migratórias e multiculturais.

Contribuindo, desde já, para divulgar o patrimônio literário brasileiro na comunidade científica internacional, o desenvolvimento do projeto *Portugueses de Papel* permitirá ainda reconstruir a genealogia dos mal-entendidos, das idealizações e dos preconceitos que se misturaram à imagem de Portugal e dos portugueses no Brasil e foram, tantas vezes, presença incômoda nas relações entre os dois países, tão distantes e tão próximos.